



Relato de Experiência

MINHA EDUCAÇÃO POR MIM MESMA

Ana Letícia de Almeida Cid¹

Como citar este relato de experiência?

CID, Ana Letícia de Almeida. Minha educação por mim mesma. In: Encontro sobre Música e Inclusão, 11., 2024, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2024. Tema: Abordagens para um pensamento inclusivo: acessibilidade com equidade na prática musical. p. 125-132. Disponível em: <https://emi.musica.ufrn.br/>.

¹ E-mail: analeticiacid2005@gmail.com

Descrição do relato de experiência

O presente relato apresenta a minha trajetória contada por mim, expondo as experiências vivenciadas nos mais diversos espaços sociais, tais como em casa, na rua, na escola e no ambiente virtual, exceto a vida profissional, pois ainda não tive essa experiência.

Nele buscaremos relacionar as experiências vividas ao longo da minha educação escolarizada, com as ideias dos textos-autores, tais como: Edgar Morin (A Suportável Realidade); Leonardo Boff (Empatia e cuidado) e Petrúcio Nóbrega (o corpo, como sensível exemplar).

Fazer esse diálogo entre as experiências vividas, com os autores citados é um desafio que nos faz viajar, entre a suportável realidade que todos nós seres humanos passamos: “sofrimento, tristeza, alegria, prazer, felicidade, infelicidade e etc.” (Morin, 2001).

E Falar da minha chegada ao mundo, me traz emoções positivas, de felicidades, pois meus pais sempre falam o quanto planejaram a minha vinda, que escolheram o momento em que poderiam dedicar mais tempo e cuidado a um filho ou filha. Ou seja, meus pais construíram uma realidade suportável de controle (Morin, 2001).

Ao nascer fui cercada de muito amor e carinho, desde os primeiros momentos até a presente data. Sou filha única e resido com meus pais, tenho avós paternos, maternos e três primos com os quais tenho um bom convívio, mas foi com minha prima Laurinha que tive os momentos mais marcantes, a minha primeira amiga.

Eu e Laurinha nascemos no mesmo mês e ano, estávamos sempre juntinhas na casa da nossa avó materna, onde aprendemos a andar segurando uma na outra, a dividir os brinquedos, andar de bicicleta na rua, também a discordar e fazer as pazes.

Nesse contexto, segundo Nóbrega (2010), não existe somente uma forma, ou um conjunto de coisas a serem aprendidas, mas que se pode aprender diversas coisas em uma mesma situação educativa. É dessa forma que crescemos e nos desenvolvemos.

Na minha casa e da minha avó, tinha o quadro de combinados, que orientava a nossa rotina diária, entre eles: escovar os dentes ao acordar, e após as refeições, guardar os brinquedos, horários do banho e horário para dormir. Essa foi a forma educativa que ela desenvolveu para o nosso dia a dia.

Quando completei um ano e oito meses, mamãe achou por bem, me matricular na escola, e assim o fez. Ela me contou que a adaptação foi difícil, porque eu chorava muito, pois estava acostumada a ir para casa da minha avó e ficar brincando com minha prima.

Contudo, ir para escola era sair da área de conforto, porém, tinha chegado o momento de seguir sozinha (o medo do novo), mas a partir das brincadeiras introduzidas pelas docentes, houve a “ligação simultânea de amor” (Morin, 2001, p.26). Neste sentido, me adaptei e conclui a Educação Infantil na Escola Lápis de Cor.

No entanto, o Ensino Fundamental I, seria em uma outra instituição, situação que me deixou ansiosa, pois iria para o Instituto Educacional Casa Escola, onde passaria o dia todo, tempo integral e teria a oportunidade de novas aprendizagens coletivas. Seguir para a “cultura da emancipação intelectual, afetiva e política” (Nóbrega, 2010. p.116).

Porém antes de ser matriculada, passei por um teste de português e matemática, uma forma diagnóstica para compreender o meu nível de aprendizagem e sendo aprovada no teste, segui para o 1º ano do Ensino Fundamental I.

Foi na Casa Escola que as professoras perceberam que, mesmo usando óculos, apresentava uma certa dificuldade em escrever na linha do caderno, em alguns momentos escrevia fora (no caso da agenda escolar). A instituição comunicou aos meus pais, mas à consulta ao oftalmologista estava em dia.

Diante disso, segui a rotina da escola e dentre as que mais gostava, era de participar aula de teatro, da biblioteca e da musicalização. O dia da musicalização sempre era uma festa, pois tinha a oportunidade de ouvir meu professor tocar o violão e de tocar instrumentos de percussão. O meu sonho era de tocar teclado, pois meu pai tinha um, e quando podia, brincava no teclado dele.

Ainda no fundamental I, fiz minha inscrição para o violão, pois mamãe disse que era o instrumento mais fácil e que o teclado seria mais difícil. Após fazer a matrícula ganhei um lindo violão do meu avô.

No entanto, após alguns meses de aula, o professor de música, percebeu que o meu interesse era pelo teclado, pois eu sempre chegava mais cedo para vê-lo tocar, enquanto no violão, aparentava desestimulada na aula.

Um certo dia o professor disse: “Ana, hoje você poderá ficar toda a aula no teclado”, fiquei muito feliz e desde esse dia, o meu instrumento foi o teclado, a

escola entrou em contato com a minha família e informou sobre indicação da mudança de instrumento.

No momento que mamãe esteve na escola, para conversar com a coordenação, lembrou que em casa, eu sempre queria brincar no teclado do meu pai e que, se o professor estava indicando, poderia realizar matrícula para o teclado.

Essa mudança se deu no fundamental II e apesar de iniciante no teclado, era a única da turma que seguia firme nas aulas e que o professor poderia contar nos eventos da escola, em especial na festa de encerramento de final de ano.

Embora, está desenvolvendo bem na escola, a dificuldade em escrever na linha do caderno, da mobilidade nas atividades esportivas, na realização das atividades com textos longos, estava aumentando e meus pais preocupados, marcaram para o oftalmologista por achar que o grau tinha aumentado.

No entanto, após a consulta, o oftalmologista percebeu algo diferente, solicitou alguns exames e foi diagnosticado uma miopia alta devido uma deficiência na retina.

Nesse período não compreendi o que aquele exame estava diagnosticando, somente percebi meus pais preocupados, mas depois eles conversaram comigo e com a escola, pois a partir daquele laudo teria que fazer adaptações nas atividades impressas (aumentar a fonte) e ter um certo direcionamento com relação a mobilidade na escola.

Com o passar dos anos, os desafios com relação a limitação visual se intensificaram a ponto de as adaptações serem repensadas para atender minha necessidade. E considerando essa nova realidade, as professoras começaram a me ajudar na realização das leituras de textos longos e me foi concedido o direito de um tempo maior para realização das atividades avaliativas e um direcionamento específico nas atividades do esporte.

Esse período foi bem difícil para mim, pois a presença dos meus amigos seria fundamental, mas aos poucos fui ficando sozinha, pois não conseguia seguir no mesmo ritmo deles, muitas vezes fiz trabalhos individuais, quando poderia ter sido em grupo, no intervalo eles ficavam jogando bola, ou com jogos que eu precisaria de ajuda, e poucos se disponibilizavam.

A escola fez alguns trabalhos para minimizar a situação e gerar empatia pelo que estava acontecendo, entre eles uma roda de conversa, onde eu me apresentei,

contando tudo que estava acontecendo, no momento houve uma comoção, no entanto, muitas vezes segui sozinha.

E ao escrever o parágrafo acima, logo lembrei do vídeo “Empatia e Cuidado o paradigma e a atitude para uma nova civilização”, pois o conceito citado foi que empatia é a capacidade de cada um de nós se colocar no lugar do outro e tentar sentir a perspectiva do outro. É colocar em prática a capacidade do sentir. E naquele momento os meus colegas não compreenderam o sentir do próximo.

Mas as dificuldades não me fizeram parar, meus pais sempre disseram que eu poderia fazer tudo, só precisaria me dedicar, e desse modo, participei das viagens da escola (uma por ano), dos jogos internos, das apresentações das peças de final de ano e sempre que possível, participava dos eventos com o professor de música, eu no teclado e ele no violão seu instrumento principal.

O professor de música oportunizou novo caminho para mim, agora estava bem animada com a possibilidade de ser uma pianista, criou estratégias para que eu desenvolvesse, ainda que a escola tivesse um horário definido para cada aluno, ele se disponibilizou a ministrar aulas extras, uma pedagogia do cuidar.

Agora estava chegando o momento de me despedir da Casa Escola, pois não oferecia o Ensino Médio. Desse modo fui para outra instituição particular, que prefiro não citar o nome, pois não tive uma boa experiência.

Os direcionamentos com relação ao professor auxiliar e as adaptações das minhas atividades não era realizada com frequência, geralmente era necessário o meu responsável sinalizar. Uma equipe fragilizada com relação ao cuidar do próximo.

Um outro momento marcante no Ensino Médio, foi o período da pandemia do coronavírus que chegou ao Brasil, em março de 2020. Pois tivemos que ficar em casa e se adaptar à nova forma de estudar, esse foi para mim um momento marcante. Como estudar por meio da internet, se as ferramentas eram todos visuais?

A escola criou meios para atender os estudantes, pelas mais diversas formas, entre elas o Google Meet, que para mim foi uma experiência fadigosa, teria que ficar das 7h até às 13h, em aula por vídeo, com atividades realizadas no próprio programa, através do link enviado, ainda mais difícil, porque não estava preparada, não tinha feito aula de computação, nem tinha os programas para o leitor de tela. Dependia da ajuda de um familiar que estivesse em casa, perdi um pouco da autonomia escolar.

Foi intenso, tenso, mas continuei firme, sempre lembrando que era os últimos anos, que precisava me dedicar, pois estava chegando o ano do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e eu queria avançar e entrar na Escola de Música da UFRN.

E chegando o ano do ENEM, 2023, me dediquei ainda mais aos estudos, em especial as disciplinas da área de humanas e sempre atenta a Comperve-UFRN, porque queria realizar a inscrição para o Teste de Habilidades Específicas (THE). Logo que abriu a inscrição, verifiquei o edital atentamente e procurei seguir as orientações para obter a aprovação.

E quando saiu a lista nominal com a média, foi um dia muito feliz, pois havia atingido a nota 8,5, uma etapa vencida, no entanto, faltava o ENEM, que também foi positivo e um dia festa para toda a minha família.

Atualmente estou cursando a Licenciatura em Música, na turma 2024.1. com professores e colegas que me acolheram com empatia, me incluíram no grupo de conversa, de trabalho, de seminários e que me fazem sentir incluída.

Recursos utilizados

Por ter sido um texto escrito como exigência de trabalho final da disciplina Fundamentos Socio-Filosóficos da Música (2024.01), optei por relacionar a minha vivência escolar, sobretudo, com a trajetória de vida, do meu nascimento até chegar à universidade. E os recursos utilizados foram minhas memórias, leituras, reflexão e escrita.

Principais aprendizagens

Desses relatos vivenciados, infere-se que é de suma importância apresentar a nossa trajetória de vida, pois retrata o que somos e como vivemos, ou seja, o ser humano é construção social, ou seja, nos reinventamos todos os dias. Ademais, dentre toda a relevância do relato em causa, relacionar o empírico com o teórico se configura o mais importante para o conhecimento científico e, também, para a inclusão de pessoas com necessidades especiais. Outrossim, apesar da primeira etapa ter sido cumprida, ainda há muitos desafios pela frente. Portanto, mesmo celebrando ter chegado à universidade, ultrapassando todos os obstáculos, estou consciente de que muitos aparecerão, e com muito estudo e esforço, vencerei

todos os desafios e alcançarei os objetivos propostos. Além disso, um dos mais importantes desafios é me sentir incluída, num ambiente onde ainda há muito preconceito e discriminação, sobretudo no quadro no qual me encontro, mas a educação musical é o grande trunfo para alcançar os resultados esperados.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Empatia e Cuidado**: o paradigma e a atitude para uma nova civilização. YouTube, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/A6utDVHchBw?si=HGxklyvuFqn2bZj8>. Acesso em: 26 de jun. 2024.

MORIN, Edgar. A suportável realidade. Tradução: Alípio de Souza Filho. **Cronos**, Natal, RN, v. 2, n. 2, p.23-30. jul./dez., 2001.

NÓBREGA, Terezinha Petrócia da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.